



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ FACULDADE DE CIÊNCIAS DA
LINGUAGEM CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA CURSO DE
LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA - 2017

RENATA SILVA RIBEIRO

**A IRONIA MACHADIANA: UMA ANÁLISE
DO CONTO “A IGREJA DO DIABO”**

ABAETETUBA-PA

2022

RENATA SILVA RIBEIRO

**A IRONIA MACHADIANA: UMA ANÁLISE
DO CONTO “A IGREJA DO DIABO”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Benilton Lobato Cruz.

ABAETETUBA-PA

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

R484i RIBEIRO, RENATA.
A IRÔNIA MACHADIANA: UMA ANÁLISE DO CONTO
“A IGREJA DO DIABO” / RENATA RIBEIRO. — 2022.
25 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Benilton Cruz
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2022.

1. MACHADO, A IGREJA DO DIABO. I. Título.

CDD 869.301

“Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução, alguns dizem que assim é que a natureza compôs as suas espécies.”

Machado de Assis

A Deus por ter me concedido o término deste trabalho. A minha família pelo incentivo e apoio recebido, o meu muito obrigada. Este trabalho é dedicado a vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela direção dos meus passos ao término deste trabalho. Pelo envolvimento de muitas pessoas neste projeto, como também em toda a vivência acadêmica.

Aos meus pais Raimundo Ribamar e Raimunda Benedita, por me apoiarem nos momentos difíceis. As minhas irmãs Rafaelle Ribeiro e Raísa Ribeiro por acreditarem no meu potencial.

Em especial, ao meu esposo Anderson Ferreira e a minha princesa Sophie Ferreira, que sempre me deram forças para continuar buscando novos conhecimentos.

Minha tia e mentora intelectual Edna Silva, a qual tenho toda gratidão e apreço pelas horas de dedicação e por compartilhar seu vasto conhecimento comigo.

Minha tia Lúcia, meus primos Yan e Alícia e meu sobrinho Gabriel que estiveram sempre comigo após o nascimento de minha filha.

Ao meu orientador Prof. Dr. Benilton Lobato Cruz pela atenção, compreensão e sabedoria dispensadas a mim durante o período de elaboração deste trabalho.

Ao meu Prof. Mest. José Eduardo Pastana Silva, que no momento de dificuldade me deu todo o apoio para que eu não desistisse da academia.

É imperativo lembrar as amigas que conquistei na sala de aula. Amanda Ferreira e Giovanna Magno muito obrigada pela ajuda durante todo o curso e principalmente agora na reta final. E a todos que direta ou indiretamente estiveram me apoiando.

A IRONIA MACHADIANA: UMA ANÁLISE DO CONTO “A IGREJA DO DIABO”

RESUMO: O presente trabalho trata a respeito da ironia machadiana, por meio de uma breve análise do conto “A igreja do Diabo”, que foi publicado em 1884, no livro de contos intitulado “Histórias sem data”. Objetiva-se discutir o uso da ironia no conto machadiano “A Igreja do Diabo”. Os autores que serviram de referencial teórico Montello (1972, Veríssimo (1981) e Coutinho (1959 e 1969), entre outros. O presente trabalho segue as diretrizes de uma pesquisa bibliográfica. Para tanto, o *corpus* utilizado foi o conto machadiano “A Igreja do Diabo”. O conto de Machado de Assis será analisado visando encontrar em que partes do texto o escritor utiliza do recurso de ironia. Os resultados revelam que o conto machadiano é coberto de ironia, característica muito marcante na escrita de Machado. Conclui-se que o escritor possui uma brilhante visão contemporânea e sua literatura impressionista sobre essa “guerra” de Deus e o Diabo, do bem e o mal, a ironia da inversão de valores, a eterna contradição humana. Assim, constatar a ironia extremamente refinada em sua obra, revelam a capacidade incrível de um escritor, de um estilo elegantíssimo que revela uma aguda percepção da natureza humana e da vida.

Palavras-chave: Machado de Assis. Conto. Ironia.

MACHADO’S IRONY: NA ANALYSIS OF THE SHORT STORY “THE DEVIL’S CHURCH”

ABSTRACT: The present work treats about Machado's irony, through a brief analysis of the short story “The devil’s Church”, which was published in 1884, in the book of short stories entitled “Undated Stories”. The aim is to discuss the use of irony in Machado's short story “The devil’s Church”. The authors who served as theoretical references Montello (1972, Veríssimo (1981) and Coutinho (1959 and 1969), among others. This work follows the guidelines of a bibliographical research. For that, the corpus used was the Machado’s short story “The devil’s Church.” Machado de Assis' short story will be analyzed in order to find in which parts of the text the writer uses irony. The results reveal that Machado’s short story is covered irony, very memorable feature in Machado’s writing. It follows that the writer has a brilliant contemporary vision and his impressionist literature about this "war" of God and the Devil, of good and evil, the irony of the reversal of values, the eternal human contradiction. Then, verifying the extremely refined irony in this work, reveal the incredible capacity of a writer, of a very elegant style that reveals an acute perception of human nature and life.

Keywords: Machado de Assis. Tale. Irony.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. MACHADO DE ASSIS: UMA BREVE BIOGRAFIA.....	10
2. CONCEITO E CARACTÉRISTICA DA LITERATURA	12
2.1 O gênero conto na Literatura.....	14
3. IRONIA: CONCEITUAÇÃO E CARACTÉRISTICAS	14
3.1 A ironia presente nas obras Machadianas	16
4. METODOLOGIA	17
5. A IRONIA NO CONTO “A IGREJA DO DIABO”, DE MACHADO DE ASSIS....	18
CONCLUSÃO.....	21
GLOSSÁRIO DO CONTO	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

INTRODUÇÃO

Entende-se que estudar Literatura não pode resumir-se à exibição de uma lista de autores, obras e datas. Precisa-se perceber que através dos textos literários tem-se acesso a uma manifestação cultural insubstituível, pois nas mesmas ocasiões em que os textos dão acesso a uma visão de um período historicamente determinado, aquela do momento em que foram escritos, constituem também uma manifestação particularizada, porque traduzem a visão dos autores. Esse contato com a experiência humana através dos séculos é insubstituível.

Assim, esse trabalho trata sobre a ironia machadiana, mediante uma breve análise do conto “A igreja do Diabo”, que foi publicado em 1884, no livro de contos intitulado “Histórias sem data”. O conto está estruturado em quatro capítulos, claramente cercados por ironia, sendo eles: I- De uma ideia mirífica; II- Entre Deus e o Diabo; III- A boa nova aos homens; IV- Franjas e franjas. Machado de Assis expressa no conto a ironia realista da época e a contradição humana.

O presente trabalho segue as diretrizes de uma pesquisa bibliográfica, na visão de Gil (2008) A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Para tanto, o *corpus* utilizado foi o conto machadiano “A Igreja do Diabo”.

O trabalho contou com um vasto aporte teórico para ser desenvolvido como: Montello (1972, Veríssimo (1981) e Coutinho (1959 e 1969), entre outros. Objetivou-se primeiramente discutir o uso da ironia no conto machadiano “A Igreja do Diabo”. Como objetivos específicos, pretendeu-se a) discorrer sobre a biografia de Machado de Assis; b) apresentar as características da ironia e sua importância na obra do escritor e c) analisar o conto “A Igreja do Diabo” destacando a ironia utilizada por Machado.

Este trabalho inicia com a uma breve apresentação da biografia de machadiana, sua vida, obras, o prestígio que angariou com suas letras. Conceituou-se e caracterizou-se sucintamente a Literatura, o Conto e a Ironia, não só em suas obras, mas em um contexto histórico e sociológico, sempre inserindo e dando ênfase à escrita machadiana.

Posteriormente, analisou-se a ironia no conto “A Igreja do Diabo” de Machado de Assis, a forma como a personalidade machadiana se caracteriza no texto, partindo da ironia como o elemento de grandeza, estilo e estrutura, misturando a realidade com a ficção sugerindo questionamentos e discordâncias. Por fim foram apresentadas as considerações finais.

1 MACHADO DE ASSIS: UMA BREVE BIOGRAFIA

Joaquim Maria Machado de Assis é um grande escritor brasileiro, que tinha sua escrita regada de ironia e metalinguagem, além de tecer inúmeras críticas à sociedade. Para desenvolver esta seção que apresentará uma breve biografia machadiana, serão utilizados autores que estudaram a fundo a biografia desse autor, tais como Montello (1972), Veríssimo (1981), Coutinho (1959 e 1969), além de outros que embasaram suas pesquisas sobre Machado, produzindo ótimos trabalhos sobre esse escritor.

Segundo Montello (1972), Machado de Assis nasceu no Morro do Livramento, no estado do Rio de Janeiro. De família pobre, negro, gago e epilético, trabalhou como aprendiz de tipógrafo na Tipografia Nacional, porém, ao longo de sua existência exerceu outras profissões, inclusive ocupando cargos públicos importantes para o Brasil.

Ainda segundo Montello (1972), Machado é um dos maiores escritores da história do Brasil e um mestre da literatura de Língua Portuguesa, um gênio, criador de obras importantíssimas entre o Romantismo e o Realismo. Machado de Assis morreu em 1908, foi o fundador e o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Em suas obras realistas demonstra uma nova interpretação sobre a vida, o ser humano, atraindo ainda mais seus leitores para um novo modelo de narrativa. Além disso, nas suas obras, ele apresenta menções e inspirações vindas do cotidiano da sociedade carioca da época, fazendo referência ao seu próprio contexto histórico/social, nos atentaremos em sua fase realista, onde o autor mostra sua visão crítico-artística da sociedade do final de século XIX.

Machado é um escritor espetacular, que utiliza na sua escrita de uma ironia, um humor, que torna o texto ainda mais atraente. Além disso, em suas obras ele está sempre evocando o leitor, como se quisesse trazê-los para dentro do texto, o que aproxima ainda mais leitor e texto. Ademais, ele utiliza na sua escrita uma linguagem muito simples, que chega até ser coloquial em certos momentos, diferentemente de outros autores e obras que tem uma linguagem muito rebuscada e que muitas vezes não são acessíveis, principalmente para o público juvenil.

Dessa forma, o texto de Machado de Assis é muito rico e interessante, contendo temas muito atuais, apesar de tê-los escrito há anos, pois ele consegue mostrar ao leitor uma visão objetiva e realista sobre a vida, o mundo e as pessoas. O escritor utiliza de seus textos para fazer muitas críticas sociais de forma irônica sobre questões que aconteciam na época.

Ao analisar a relevância da opinião de Meyer, Bosi, afirma que Machado continua sendo visto em sua genialidade, com destaque para a sua criticidade artística, bem como, seu papel moralista. Bosi cita Meyer:

Moralista não quer dizer moralizador, pregador de moral ou censor de costumes. O moralismo nada tem com a moral, mas tem muito a ver com os costumes, *mores*, isto é, "com o gênero de vida e a maneira de ser do homem /na realidade concreta, que pode ser *imoral*. Os moralistas não são educadores, nem professores de ética. São observadores, analistas, pintores de homens, infinita é a sua tarefa. Seu estudo se dedica à complicação total da natureza contraditória e da condição banal e concreta do homem, que não se revela senão quando a ética se retira para deixar o campo livre à observação não preconceituosa do real. (BOSI apud MEYER, 2004. p.365-366).

Autores como Bosi e Meyer, veem a escrita de Machado como um retrato do olhar aguçado que compreende tudo que vem do humano, que é suscetível a variadas influências, as quais moldam-se e modificam-se para satisfazerem as vontades dos homens, com tendências que misturam o que é desejado com prazer e o que é real.

Para José Veríssimo (1981, p. 403), Machado de Assis foi “a mais alta expressão do nosso gênio literário, o poeta dos mais importantes da literatura brasileira e o mais insigne dos seus prosadores”. Em seus textos, Machado mostrava exatamente as contradições que existem no Brasil, como entre progresso e atraso, escravismo e trabalho assalariado, que era a situação que o Brasil enfrentava na época. Assim, no país as ideias estavam totalmente fora do lugar e Machado usava de humor e ironia para discorrer sobre essas questões.

No período que Machado de Assis publicou o conto “A Igreja do Diabo”, o Brasil passava por um período de transição político-social. Ainda que vivendo sob essas condições, com grandes mudanças sociais, a sociedade ainda fazia questão de manter as aparências sobre certos costumes e valores morais, mesmo que elas não vivessem isso na prática. Machado retratava isso em suas obras através de um posicionamento ideológico e político, mostrando uma escrita inovadora que posteriormente definiria a entrada do Realismo no Brasil, após a publicação de Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881). O grande escritor se detinha de uma escrita sagaz, muitas vezes irônica e genial.

Veríssimo (1981) discorre a respeito da ironia presente nas obras de Machado de Assis. Para o referido autor:

Histórias da meia-noite (1870) e Contos fluminenses (1873), traziam ressaibos românticos, embora atenuados pelo congênito pessimismo e

nativa ironia do autor. Ora o Romantismo não comportava nem a ironia nem o pessimismo, na forma desenganada, risonha e resignada de Machado de Assis. Mas os contos que sucederam imediatamente àqueles, *Papéis avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Várias histórias* (1905), muitos deles anteriores a *Brás Cubas*, trazem já evidente o tom deste. Desde, portanto, os anos de 70, renunciando ao escasso Romantismo que nele havia, criava-se Machado de Assis uma maneira 23 nova, muito sua, muito particular e muito distinta e por igual estreme daquela escola e das novas modas literárias. (p.429-430).

Nota-se que essa é uma marca na escrita do escritor, pois é observada por muitos autores que falam de sua biografia, como Veríssimo (1981). Outra característica na escrita machadiana é o humorismo. Para Coutinho (1969, p. 140) Machado “tempera ainda o Romantismo, desde os primeiros contos, com o neutralizante que tanto utilizou para evitar a ênfase e o transbordamento sentimental – o humorismo”.

Assim, o crítico afirma que o humor presente nos textos machadianos serve apenas para deixar os textos mais “temperados”, pois não corresponde a um procedimento formal representante de uma visão de mundo. Assim, ainda segundo Coutinho (1959) o humor machadiano é uma forma de expressão de sentimentos e impressões do homem Machado de Assis frente às vicissitudes da vida.

Dessa forma, observa-se o quanto Machado de Assis foi um escritor brilhante, com uma vasta obra que possuem características muito marcantes, visto que ele possuía um jeito próprio de fazer Literatura. A seguir, será realizada uma breve discussão a respeito do conceito e características da Literatura.

2 CONCEITO E CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA

É notório que existem diversos conceitos que literatura atualmente devido a complexidade em definir esse termo. Muitas vezes a sua conceituação assume diversas significações, que chegam a ser polissêmicas. Falar da difícil definição de literatura. Mas, dizendo de uma forma mais geral, a Literatura faz parte da arte e é nesse viés que seu conceito se embasa na ideia de estética.

É da noção de forma literária que vários autores se embasaram para fazer entrada no texto literário. Alguns conceitos são empregados até hoje e servem de características dos textos literários como personagem, narrador, espaço, tempo e temática. No entanto, essa é apenas uma posição no âmbito da análise linguística do tempo, permitindo outras possibilidades, que colaboram com o entendimento acerca do emprego de determinada

forma de escrita, além de trabalharem com a compreensão do conteúdo presente em determinada obra.

No conceito de Afrânio Coutinho (1959):

A literatura é uma arte, a arte da palavra, isto é, um produto da imaginação criadora, cujo meio específico é a palavra, e cuja finalidade é despertar no leitor ou ouvinte o prazer estético. Tem, portanto, um valor em si, e um objetivo, que não seria de comunicar ou servir de instrumento a outros valores - políticos, religiosos, morais, filosóficos. Dotada de uma composição específica, que elementos intrínsecos lhe fornecem, tem um desenvolvimento autônomo (COUTINHO, 1959, p. 71).

Nesse sentido, o autor nos desperta a magia que a literatura tem de levar as pessoas a caminhos, lugares, vidas diferentes. Uma vontade constante do saber, de sempre querer mais e mais. Além disso, para o autor a autonomia da arte literária estaria pautada, então, na capacidade de seus elementos internos constituírem fatos literários de natureza estética, visto que essas situações acontecem num tempo e espaço determinados pela relação da obra com seu autor e com os elementos que compõem seu núcleo e a distinguem de outros fatos literários e/ou sociais.

O crítico João Alexandre Barbosa no artigo “Alguns conceitos de Sílvio Romero” (1977, p. 126) diz:

História da literatura de um país e história literária do mesmo não são, a meu ver, exatamente a mesma coisa, e era evidente para todo o espírito atilado e desprevenido que escrevendo intencionalmente aquela frase eu intencionalmente distinguia as duas coisas. Há nas obras escritas de um povo uma cópia enorme de produções que, fazendo parte de sua história literária, que é a história de quanto ele escreveu, ainda com interesse prático e sem mira de provocar uma emoção, ou exprimir a beleza, e sem a generalidade que constitui a obra de pura literatura, não fazem parte da história desta. A história de uma literatura deve, penso eu, e parece-me esta é a compreensão comum, compreender somente o que é literatura, isto é, segundo um escritor francês, “todas as obras inspiradas principalmente pelo intuito de comunicar a outro uma emoção desinteressada.

Percebe-se nas palavras do autor que a literatura é uma escrita imaginativa, transformando e intensificando a linguagem de uma forma especial e ao mesmo tempo comum. Como foi visto acima, a Literatura é um campo amplo e de várias definições, faz parte da arte e já está presente no mundo há séculos e séculos. A seguir, será feito um apanhado sobre o gênero conto e sua importância na Literatura.

2.1 O gênero conto na Literatura

O conto é um gênero literário que agrada os leitores brasileiros há muito tempo. Há uma série de escritores que utilizam esse gênero textual para escreverem. Em muitos casos optam por esse gênero por conta de suas características, tais como a presença de elementos tradicionais da narrativa como personagens, tempo, espaço e enredo. A literatura conta com excelentes contistas até os dias atuais, onde os contos adaptaram-se à internet, circulando nos meios modernos como as redes sociais numa aproximação ainda maior com velhos e novos leitores.

Assim como a literatura, o conto é um gênero de difícil definição. Assim, Magalhães Júnior (1972, p. 8), define o gênero conto como uma herança de tradição oral que pertence aos diversos povos existentes, sendo uma antiga forma de expressão da literatura. Assim, para o autor, o conto é um gênero de tradição oral que com o passar do tempo evoluiu para a forma escrita e mais rebuscada. Dessa forma, o conto trata-se de um exemplo de gênero textual que passou por processos de mudanças com o tempo, sobretudo no que corresponde à modalidade de linguagem predominante.

Em introdução à edição de Papéis avulsos de 2005, o escritor Ivan Teixeira discute a respeito do gênero conto:

Como se sabe, o conto não possui prestígio nem tradição consolidada na literatura brasileira antes de Machado de Assis. A grande forma, depois da epopéia, era o romance. Por essa razão, a advertência do volume insiste em elevá-lo à condição de objeto teórico, atribuindo-lhe a função de promover, por meio da unidade de sentido, a construção da sabedoria, sem deixar de ser também um artifício cultural apto a produzir entretenimento para o conto da vida. (TEIXEIRA, 2005, p. 15).

A partir dessa afirmação de Teixeira (2005), nota-se que Machado coloca-se enquanto figura central em sua literatura nacional com relação à criação do gênero conto. O escritor é um grande contista, que escreveu inúmeras histórias que são lidas até nos dias atuais. Por meio dos contos, Machado podia tratar de diversos assuntos que aconteciam na época, ironizando, criticando, de uma forma sutil e humorada. Assuntos esses que são motivos de pauta ainda hoje, como a corrupção e desigualdade.

3. IRONIA: CONCEITUAÇÃO E CARACTERÍSTICAS

Como se sabe, a ironia é uma figura de linguagem que possibilita dar um sentido contrário ao que se pensa com o intuito de provocar alguma reação no leitor/interlocutor. Em outras palavras, corresponde a um disfarce de uma coisa por outra, em certos casos

de uma forma crítica. No que corresponde à conceituação da ironia, segundo Aragão (2013):

O conceito de ironia não é unívoco. Há possibilidades de análise em nível histórico, se mostrarmos as épocas da ironia, através da ironia grega (incluindo ironia socrática e ironia trágica), ironia romântica (com variados nomes do pensamento alemão do século XVIII) e ironia moderna – através de uma série de revisões sobre a própria literatura, contada a partir do Romantismo. Há também a possibilidade de análise em nível funcional, se compreendermos a ironia enquanto função retórica ou como uma postura diante da arte ou até mesmo a ironia enquanto centro das discussões acerca da própria arte. Logo, um problema que se interpõe ao estudo da ironia é o de saber como devemos proceder à análise. (p.2)

Entende-se, com a percepção histórica do estudo da ironia, que existem algumas vertentes pelas quais o entendimento do homem consegue perceber o conceito atribuído à ironia de pontos de vista diferentes. Deste modo, em contato com essa modalidade, assim como a própria literatura, fica para o leitor a possibilidade de pensar e avaliar o mundo que o cerca. O caráter de crítica social por ele estar ligado a um certo período histórico, a arte da mentira, uma visão de mundo, humor, sarcasmos. Nos textos irônicos a leitura e o leitor andam juntos.

Léia Parreira Duarte (1989, p. 22) diz que a ironia é algo nebuloso e fluido, que desaparece sempre que alguém se aproxima. Essa autora diz que a ironia pode ser “uma arma num ataque satírico, uma cortina de fumaça que encobre uma retirada, um artifício que permite ao sujeito usar a linguagem e viver harmoniosamente com a falta de completude. Pode ser encontrada em palavras e atitudes, acontecimentos e situações”.

Muitas vezes a ironia é utilizada para sugerir questionamentos ou até discordâncias, e é possível encontrá-la no discurso das pessoas em diversos contextos, mesmo que a intenção do falante não seja utilizá-la. Maria Lurdes Ferraz entende que a ironia:

anda a paredes meias com o humor, o sarcasmo, a sátira; o termo aparece por vezes confundido com designações mais gerais, como ceticismo, troça, quando não impostura (ignorância fingida) ou até mentira, e não raro, acaba por ocupar uma terra de ninguém. (FERRAZ, 1987, p.15)

Só existe ironia, com efeito, se o autor se mostra de trás de seus personagens, se ele deixa aparecer uma dualidade que contradiz, às vezes, o espírito de serenidade de toda a obra literária. A ironia é um ponto de contato entre o autor e a obra que permite descobrir

de alguma maneira a função mesma desta última, de atribuir à coisa dita apenas um valor provisório e parcial. Na realidade, a ironia é, em sua essência, “uma ficção”, quer ela apresente uma “verdade” sob a aparência de uma hipótese, quer ela nos convide a procurar esta verdade sob a ilusão que ela sublinha.

3.1 A ironia presente nas Obras Machadianas

Os primeiros romances de Machado de Assis seguem a linha do Romantismo, da qual fazem parte os romances Ressurreição, A Mão e a Luva, Iaiá Garcia e Helena. Tendo iniciado sua carreira de romancista ainda no período romântico, seus primeiros livros revelam um estilo bem cuidado, onde a ação e o sentimentalismo, ainda sofrendo a influência do ambiente, já revelam os traços característicos da fase mais importante da sua obra: a preocupação pela análise psicológica.

Ainda nessa fase romântica o narrador nunca aparece. Há uma técnica objetiva. Narrador em 3º pessoa.

Enquanto nos romances românticos os personagens em geral comportam-se de acordo com aquilo que lhes dita a paixão amorosa, Machado cria seres quem ambicionam sobretudo mudar de classe social, ainda que isso lhes custe sacrificar o amor. Excetuando Ressurreição, esse é o tom dos três outros romances dessa fase. Machado ainda está cultivando sua escrita, preparando alguma novidade, deixando escapar, vez por outra, alguns ingredientes daquilo que breve nos iria oferecer: o seu inconfundível estilo. (FARACO, 1998, p. 20)

A segunda fase de Machado de Assis corresponde ao melhor de nossa história literária. Inicia-se com a publicação de sua obra-prima Memórias Póstumas de Brás Cubas. É a partir desse romance que Machado começa a fase diferente, escrevendo em 1ª pessoa, porém em 1ª pessoa diferente. Pretendia ele nessa obra contar depois de morto, a que leva esta peregrinação da vida. Um indivíduo que contempla sua morte depois da vida, buscando o significado da vida humana.

Mas a ironia maior de Machado de Assis é a de nos incluir neste seu mundo de profundas convulsões interiores que aparecem timidamente na calma superfície que, convencionalmente, nos parece ser a vida. Os silêncios são terríveis: as histórias escondem um segredo qualquer, uma palavra ou gesto que é impossível precisar qual seja, mas que sabemos quebraria o encanto, espatifaria o espelho das convenções e poria os personagens ao lado de sua própria realidade. (AGUIAR, 1976, p. 8).

Machado usa de uma linguagem irônica para escrever o mais celebre de todas as suas obras. Há uma ligação com Brás Cubas, uma certa semelhança entre os dois. Brás Cubas reescreveu sua vida e não a encontra depois da morte. Dom Casmurro escreve sua vida, ainda em vida, mas também não encontra sua vida. Percebe-se a ironia no conto A Cartomante. Trama de traição, mentiras, crenças e descrenças. É o conto das cartas marcadas pela ambiguidade e relatividade: Cartas anônimas, Cartas da Cartomante, Cartas do Vilela e o próprio texto como carta. Os fatos são relativizados o tempo todo, aí está a ideia de que ninguém detém a verdade. O conto está próximo da Igreja do Diabo.

Essa mesma percepção irônica está expressa no Conto A Missa do Galo. A ironia do narrador está no fingimento dos movimentos da personagem Conceição: Conceição senta-se defronte de Nogueira; senta-se ao meu lado, do outro lado da mesa; senta na cadeira onde ele estava sentado. Esse jogo de movimento em torno do objeto de desejo, do interesse da posse, demonstra claramente a linguagem irônica machadiana. Mais uma vez Machado de Assis nos surpreende com sua maestria em criar linguagens com uma carga de humor e ironia.

O conto “A Igreja do Diabo” é constituído por fatos curiosos, numa narrativa densa e, aparentemente banal. Porém o conto já é marcante pelo seu próprio título “A Igreja do Diabo”. Machado de Assis sempre se mostrou preocupado com a hipocrisia nas relações humanas, sobretudo no tocante à exploração do homem pelo próprio homem. O conto machadiano em questão deixa clara essa preocupação pela dissimulação da personagem do Diabo, pelo negativismo na visão de mundo, pelo sarcasmo, pela ironia e pelo fino humor traçado no texto inteiro.

Ao analisar a obra A Igreja do Diabo e o seu contexto histórico social, pode-se perceber que Machado de Assis através do realismo conseguiu extrair a real situação da condição humana, era a melhor forma de fazer uma crítica à sociedade, mostrar a realidade, o racionalismo, a organicidade, a contemporaneidade que são as características do realismo.

4. METODOLOGIA

O presente trabalho segue as diretrizes de uma pesquisa bibliográfica, na visão de Gil (2008) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Quanto a abordagem a pesquisa é qualitativa, que segundo Gil (2008) não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas.

O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave.

Quanto aos objetivos se utilizará da pesquisa descritiva. Para Gil (2008) a pesquisa descritiva objetiva a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Para tanto, o *corpus* utilizado foi o conto machadiano “A Igreja do Diabo”.

O conto possui quatro capítulos, que são cercados por ironia, sendo eles: I - De uma ideia mirífica; II- Entre Deus e o Diabo; III- A boa nova aos homens; IV- Franjas e franjas. Machado de Assis expressa no conto não só a ironia realista da época, mas também a contradição humana.

Assim, serão selecionados os principais autores que já falaram sobre o tema. Isso acontecerá por meio de buscas na internet e em bibliotecas, visando encontrar livros, teses, dissertações e artigos que falem sobre o assunto pesquisado. Posteriormente, o conto “A igreja do diabo”, de Machado de Assis será analisado visando encontrar em que partes do texto o escritor utiliza do recurso de ironia.

5. A IRONIA NO CONTO “A IGREJA DO DIABO”, DE MACHADO DE ASSIS

A Obra de Machado de Assis é recheada de fatos que constituem uma narrativa irônica, de tensão por ser tão perturbadora, levando o leitor a uma estranha sensação de perder a respiração, um sufocamento, por assim dizer. No conto A Igreja do Diabo, há polos antagônicos. É uma metáfora que representa o bem e o mal. O conto é curto, com apenas seis páginas e trata-se de uma comédia com argumento filosófico. Além disso, o conto fala de um Diabo que resolve que fundará uma igreja e instituirá uma doutrina diametralmente oposta ao cristianismo, judaísmo e até ao islamismo. Machado é mestre em satirizar, criticar e ironizar com um toque genial, a sociedade brasileira. As personagens principais são Deus e o Diabo. De maneira cômica, ele faz alusão à relação Deus/religião, homem/razão.

A Literatura machadiana utiliza-se muito da simbologia de caráter geral, porém é nesse conto especificamente, que esse recurso aparece recorrente, bem como o humor trágico e amargo retrata o pessimismo com que o escritor enxerga a alma humana. O escritor mostra uma nova teoria sobre a alma humana. Ela se dá por meio de diversas alegorias e mitos. O Diabo propõe uma nova Igreja, uma nova doutrina muito parecida com a doutrina da Igreja de Deus, porém o que faz a diferença é a mais profunda negação

de todas as virtudes. O poder de convencimento do Diabo está na inversão de valores. Os pecados capitais são transformados em virtudes. No início do conto, o narrador remete a um velho manuscrito beneditino, isentando-se do que vai escrito, sendo uma estratégia propícia ao emprego da ironia:

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a ideia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez. (p. 369).

Quando o Diabo vai reivindicar uma igreja em seu louvor, ele não imagina que, de acordo com a natureza humana, acabará caindo na mesma situação da igreja de Deus, como pode ser visto no trecho a seguir:

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, às ocultas. Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros. (p. 373-374).

Nesse trecho, a ironia é perceptível pela situação vivida pelo Diabo, que corresponde a uma situação de inversão de valores, que caracteriza o procedimento irônico em literatura. A esta constatação do Diabo, Deus responde: “Que queres tu? É a eterna contradição humana” (p. 374).

A linguagem refinada de Machado de Assis nesse conto, demonstra com maestria, a manipulação de recursos de estilo, entre eles a ironia, seu recurso predileto. A visão pessimista que se revela na descrença da melhora do espírito humano, mostra que Machado de Assis não acredita nas virtudes humanas. O mundo, na sua concepção, é aquele em que o mal predomina sobre o bem. É genial a forma como Machado, através da personagem do Diabo faz ironia a outras religiões e aos trechos bíblicos, nessa imensurável obra. “O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Abraão. E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única; não acharei diante de mim, nem Maomé, nem Lutero”. (p.11)

É possível observar no conto machadiano referências explícitas ao Islamismo ao Protestantismo, religiões fundadas respectivamente por Maomé e Martinho Lutero. É perceptível o tom irônico machadiano quando o Diabo se denomina o próprio gênio da Natureza, provocando aqui uma inversão de papéis. O Diabo colocou-se no patamar de Pai de Deus. Só um gênio como Machado de Assis para traçar inversamente essa ironia. O Diabo quer ocupar esse lugar de Pai do conto. O homem ao se referir a Deus, volta-se às suas necessidades básicas de sobrevivência: “O Pão nosso de cada dia, dai-nos hoje.” O Diabo também se refere ao pão e ao vinho para, como Jesus Cristo, dar um exemplo de preocupação com o homem.

O jogo de palavras é primoroso, contudo, toda essa comédia se transforma em tragédia quando o Diabo, inconformado com as atitudes das mais curiosas e surpreendentes, deparou-se com o grande mal verdadeiro: a contradição humana. Os homens voltam a praticar as antigas virtudes e, às escondidas; de acordo com os ensinamentos Cristãos, para os homens não praticarem seus deveres religiosos em público, sendo assim recompensados por Deus.

Machado crítica, não a religião, mas a própria fé humana. É uma crítica psicológica sobre a realidade Contemporânea. A “contradição humana” a qual o texto faz alusão remete à contradição da religião Cristã em eterno conflito com a própria essência do homem. “- Que queres, tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo, tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana.” (p.19)

A Igreja do Diabo, trata-se de um conto moralizante, dividido em 04 capítulos. Neste conto Machado de Assis criticou não todas as formas religiosas existentes, no Brasil, assim como o modo de comercializar a fé através das vendas de conceito religioso. O Conto, que integra Histórias sem data, apesar de ter sido escrito no século XIX, precisamente em 1884, é muito atual.

Cabe perfeitamente no momento em que o país está vivendo, onde política e religião se misturam, onde vários líderes religiosos se comportam e agem como a personagem do Diabo; enganando seus fiéis incautos vendendo a ideia de apoio a um chefe de nação que valoriza a “família/Deus”. Logo, é o oposto do que pregam; só valoriza a sua família, o seu bem-estar, o seu bolso; está pouco se importando com o povo brasileiro.

É um falso mito, um péssimo gestor, uma figura infame; sem projetos político-sociais que atendam às necessidades dos brasileiros. Assim, nota-se que Machado possui

uma escrita que é atemporal. O conto de Machado de Assis, foi realmente feito para todas as épocas. Toda arte e engenho do escritor está em tornar a ironia, a companheira de viagem, silenciosa e discreta, pois está presente a cada parágrafo, frase, palavra de sua obra.

CONCLUSÃO

Analisar o conto “A Igreja do Diabo”, de Machado de Assis é a todo momento, enfrentar uma extraordinária criação dos acontecimentos presentes. Sua obra está sempre acompanhada à evolução dos acontecimentos, principalmente os que refletem os problemas da sociedade brasileira. Essa tomada de posição, que Machado encarou como fundamental, essa participação, essa integração no todo social, valeu-lhe, agora, pois é reconhecido como mestre na ironia e no humor. Essa é a única maneira de celebrar o poeta maior do realismo brasileiro.

Pretendeu-se assim demonstrar a brilhante visão contemporânea de Machado de Assis e sua literatura impressionista sobre essa “guerra” de Deus e o Diabo, do bem e o mal, a ironia da inversão de valores, a eterna contradição humana. O aporte teórico que embasa toda essa pesquisa agregou enriquecimentos e qualidades ao trabalho. Buscou-se realizar no seu conjunto, uma análise minuciosa da ironia machadiana, visão de mundo, manifestação textual e sua filosofia.

Não se pode limitar somente a esta pesquisa, Machado de Assis revela-se muito no texto e, com toda certeza, ainda há muito a se dizer, ainda há muitas interpretações e questionamentos que precisam ser descobertos, avaliados para o enriquecimento dessa e de outras obras desse grandioso mestre da literatura.

Constatar a ironia e o humor extremamente refinados em sua obra, revelam a capacidade incrível de um escritor, de um estilo elegantíssimo que revela uma aguda percepção da natureza humana e da vida. Analisar o Conto “A Igreja do Diabo” foi mergulhar num universo que traduz aventura, emoção e suspense, porém tudo diluído em duas prioridades: a análise psicológica e a especulação filosófica acerca da condição humana.

GLOSSÁRIO DO CONTO

1. Adventício: que ocorre inesperadamente; casual, imprevisto.
2. Airoso: que tem decoro; honroso, digno.
3. Alaúdes: instrumento musical cordofone de braço curto, utilizado para solos.
4. Aleivosia: acusação fundamentada numa mentira (ger. feita por acinte); injúria, calúnia.
5. Alforge: conjunto de mantimentos para viagem ou passeio.
6. Análoga: o que se parece com outra coisa ou pessoa; semelhante.
7. Breviário: livro que reúne os ofícios que os sacerdotes católicos rezam diariamente.
8. Beditino: religioso pertencente a ordem de São bento.
9. Cântones: peça de canto coral em que as várias partes repetem a parte inicial, em tempos diferentes.
10. Debalde: em vão, inutilmente; embalde.
11. Escárnio: atitude ou manifestação ostensiva de desdém, de menosprezo, por vezes indignada.
12. Lábaro: bandeira, estandarte, pendão.
13. Mirífica: que é admirável; portentoso, maravilhoso.
14. Misantropia: falta de sociabilidade.
15. Obséquio: algo que se faz para alguém desinteressadamente, apenas por gentileza; favor, serviço.
16. Prédicas: discurso cujo assunto é de teor religioso; sermão ou pregação.
17. Rabelais: foi um escritor, médico e padre francês do século XVI.
18. Retórico: que diz respeito a ou próprio de retórica.
19. Sulfúreas: que tem a natureza do enxofre.
20. Tênuê: pouco espesso; delgado, fino, fraco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, F. **Murmúrios no espelho**. In: ASSIS, Machado de. Contos. São Paulo: Ática, 1976.

ARAGÃO, Hudson Oliveira Fontes. **Ironia e literatura: interseções**. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

ASSIS, Machado de. Volume de contos, **A Igreja do Diabo**. Rio de Janeiro : Garnier, 1884.

BARBOSA, João Alexandre (org.). **José Veríssimo: teoria, crítica e história literária**. São Paulo: USP, 1977.

BOSI, Alfredo. **Raymundo Faoro leitor de Machado de Assis**. Estudos Avançados 18 (51), p.365/366, 2004.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**, volume 3. Rio de Janeiro: Ed. Sul Americana, 1969.

DUARTE, L.P Ironia, humor e literatura. In: **Ensaio de Semiótica**. Cadernos de Teoria da Literatura, belo Horizonte. UFMG, 22-24: 92-113, 1989-91.

FARACO, Carlos. Machado de Assis – Um mundo que se ostra por dentro e se esconde por fora. In: ASSIS, Machado de. **Histórias sem data**. São Paulo: Ática, 1998.

FERRAZ, ML. A Ironia. In: **A ironia romântica: estudo de um processo comunicativo**. Lisboa: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1987. p. 15-47.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antônio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. **A arte do conto: sua história, seus gêneros, sua técnica, seus mestres**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1972.

MONTELLO, Josué. **Machado de Assis: Gigantes da Literatura Universal**. Verbo, 1972.

TEIXEIRA, Ivan. **Pássaro sem asas ou morte de todos os deuses: uma leitura de Papéis avulsos**. ASSIS, M. de. Papéis avulsos. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p.15.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. Brasília: Ed.Universidade de Brasília, 1981.